



# Os Guardiões

Irving E. Cox

# **OS GUARDIÕES**

## **De IRVING COX, JR.**

Tradução de:

Angela Cecília Lacerda Coelho de Oliveira

Luciana Arruda Paula da Fonsêca

Maria Gabriella Jeremias da Silva

Winnie Costa Ferreira da Silva

Professor:

Daniel Antônio de Sousa Alves

Revisora:

Vanessa Riambau Pinheiro

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

2019

## PREFÁCIO

Esta tradução foi proposta na disciplina de “Estágio supervisionado v: prática de tradução em textos literários” do curso de Bacharelado em Tradução, da UFPB, e é a avaliação da disciplina neste semestre. O objetivo foi que, nós, alunos de sexto período do curso, traduzíssemos dois contos que possuem relação temática. Nós tivemos a opção de propor vários textos dos mais diversos temas, por fim, após algumas sugestões, entrou-se em consenso que faríamos a tradução e dois contos que retratam realidades distópicas. E a partir disso, uma das escolhas foi a distopia *The Guardians*.

*The Guardians* foi publicado originalmente na *Astounding Science Fiction*, em junho de 1955, em inglês. O autor Irving E. Cox (1917-2001) é uma figura enigmática, cuja obra resume-se a contos, a pequenas obras de ficção e a antologias, em sua maioria espaciais e distópicos. Não foram encontradas traduções para o português do conto *The Guardians*, sendo este mais um dos motivos para realizarmos essa tradução. O conto descreve a história de uma adolescente em busca da verdade acerca do seu mundo rodeado de tabus e sua jornada de descoberta com consequências inesperadas.

O nosso projeto tradutório tem uma abordagem domesticadora, o que significa que optamos por aproximar elementos do texto, cenário, personagens, etc., a cultura brasileira. A principal motivação dessa escolha está vinculada às semelhanças encontradas entre a realidade vivida pela personagem e a realidade vivida por muitos brasileiros, especialmente no que tange a questões ambientais e políticas. Consideramos o nosso projeto domesticador moderado, pois procuramos adaptar nomes de lugares e personagens ao idioma português, mas tomamos o cuidado de não transformamos nossa tradução em uma adaptação, em que a marca do autor é consideravelmente diminuída. Por exemplo, o nome dos personagens *Myrna Brill* e

*Senator Brieson* tornaram-se Mirna Estrela e Senador Biltre, respectivamente. No entanto, nomes de lugares, pessoas e objetos relacionados à percepção de Mirna foram mantidos com poucas alterações, por exemplo, *god-car* tornou-se teo-transporte, *Earth God* foi substituído por Teos, o Deus da Terra, e *Answer House* traduziu-se por Casa de Respostas.

A nossa estratégia de traduzir o nome do planeta de *Rythar* para Brumador foi motivada principalmente por questões políticas, pois vislumbramos semelhanças entre a situação dos personagens e os habitantes do município mineiro de Brumadinho, no tocante à questão ambiental e ao acesso à informação. Além disso, a opção por Brumador foi coerente com elementos do cenário, pois o planeta estava coberto por uma bruma. Desse modo, esperamos levar o leitor a vislumbrar também essas semelhanças.

O público alvo de nossas traduções é o de estudantes universitários, em geral. A faixa etária dos estudantes deve variar entre dezesseis e quarenta anos, aproximadamente.

# OS GUARDIÕES

## De IRVING COX, JR.

*Nem sempre “A verdade libertará!”. Às vezes,  
“O querer a verdade impulsionará uma fuga!”  
E isso pode ser perigoso!*

Mirna Estrela pretendia dar uma volta no teo-transporte por cima da bruma. Por muito tempo, ela não acreditava nos tabus ou em Teos, o Deus da Terra. Ela já não acreditava mais que morava na Terra. Esse paraíso de florestas pavimentadas de verde e riachos correntes era algo chamado Brumador.

Há seis anos, quando Mirna tinha catorze anos, ela descobriu a verdade. Ela fez uma pergunta, e Teos a ignorou. De fato, uma simples pergunta: O que há acima da bruma? Teos poderia ter lhe respondido. Todos os dias, ele respondia perguntas técnicas que eram bem mais difíceis. Ao invés de respondê-la, ele repetiu o tabu já bastante conhecido sobre evitar o Antigo Vilarejo por causa da Praga.

E conseqüentemente, Mirna, sendo mulher, foi para o Antigo Vilarejo. Não havia nada de incomum nisso. Todas as crianças passavam pelas ruínas de tempos em tempos. Elas tinham elaborado um feitiço que deixava tudo em ordem. Elas passavam pelas armações queimadas das antigas casas e mantinham seus olhos fechados para espantar a Praga.

Ainda aos catorze, Mirna deixara para trás os feitiços e já não acreditava mais na Praga. Uma vez ela perguntou a Teos o que significava “Praga”, e a tela do Casa das Respostas deu-lhe uma resposta muito detalhada. Mirna soube que nenhuma das cem meninas e nenhum dos trinta meninos, habitantes de Brumador, jamais estiveram

doentes. Aquilo, assim como o tabu do Antigo Vilarejo, ela considerava como uma superstição infantil.

O Antigo Vilarejo não era grande — três ruas paralelas, com um pouco mais de um quilômetro e meio de comprimento, repletas de ruínas de casas pré-moldadas queimadas, que eram exatamente iguais às casas em que as crianças moravam. Não era nada que inspirasse medo ou mito. O vilarejo havia sido queimado muito tempo atrás; a vegetação da floresta criara um manto verde em cima do esqueleto das casas.

Por várias semanas, Mirna remexeu as ruínas até que encontrou algo significativo— umas poucas páginas chamuscadas de um panfleto cobertas de terra preta. O panfleto deixou-a tremendamente animada. Era diferente dos livros em fotofilme<sup>1</sup> da Casa das Respostas. Ela nunca tocara em nada igual; e parecia algo maravilhoso.

Ela leu o panfleto avidamente. Era parte de uma propaganda sobre um mundo chamado Brumador, “a joia do Sistema Solar Sírio.”

Pela descrição, tornou-se óbvio que Brumador era o paraíso verde no qual Mirna morava—local que ela fora ensinada a chamar de Terra. E o panfleto fora endereçado aos “Terráqueos de todos os lugares.”

Quando tinha quinze anos, Mirna fez sua segunda descoberta. Foi um livro de astronomia. Pela primeira vez na vida, ela leu sobre a poeira giratória do universo, situada acima da eterna bruma que escondia o seu mundo.

A sólida e estável Terra de sua infância já não era mais sólida e estável, mas, sim, uma esfera girando através de um obscuro vácuo. Não era propriamente chamada de Terra, mas um planeta nomeado Brumador. A adaptação pela qual Mirna teve de passar foi devastadora; ela perdera a fé em tudo o que acreditava.

Contudo, a lógica de precisão da astronomia era convincente para sua mente ordeira. Isso explicava porque a bruma brilhava com a luz durante o dia e tornava-se escura à noite. Mirna nunca vira um céu limpo. Ela não tinha nenhuma informação visual a qual pudesse vincular a esse novo conceito.

Por seis anos, ela guardou esse segredo. Ela escondeu os papéis e o texto de astronomia que ela encontrou no Antigo Vilarejo. Posteriormente, após a vinda dos homens de lata, ela destruiu, tudo de modo que nenhuma das outras mulheres viria saber que Teos era apenas um homem.

---

<sup>1</sup> Os fotofilmes são filmes feitos exclusivamente a partir de fotografias ou nos quais a linguagem fotográfica é trabalhada de maneira estruturante.  
<https://medium.com/paraty-em-foco/fotofilmes-4ad21a3dcb27>

A princípio ela guardou segredo, porque estava com medo. Por alguma razão, Teos, o homem que se passava por Deus, queria fazer as crianças acreditarem que Brumador era a Terra, a totalidade do universo envolta numa obscura bruma. Ela sabia disso, porque perguntou uma vez a Teos o que significava “planeta”. O rosto na tela da Casa das Respostas transtornou-se de raiva —ou teria sido medo?—e Teos disse:

“Essa palavra não significa nada.”

Contudo, tarde naquela noite, um grande teo-transporte trouxe seis homens de lata através da bruma. Eles eram coisas enormes e articuladas que tinham quando andavam. Quatro deles usaram armas para manter as crianças juntas em sua pequena colônia. Os outros dois foram para o Antigo Vilarejo e destruíram as ruínas com explosivos de alta potência.

Mirna lembrava vagamente de que os homens de lata estiveram lá antes, quando as crianças ainda eram muito pequenas. Eles haviam construído o novo acampamento e tinham trazido comida. Eles viveram com as crianças por muito tempo, ela pensou—mas sua lembrança era vaga.

Com o passar dos anos, o medo de Mirna diminuiu e apenas uma coisa tornou-se importante: ela sabia que Teos era apenas um homem. No solo fértil de Brumador, havia cem mulheres e trinta homens. Todos os homens já haviam arrumado parceiras antes de completarem dezessete anos. Dezessete mulheres ficaram sem casar, sem qualquer possibilidade de arrumarem maridos para si. Vinte ou mais tornavam-se segundas esposas em lares polígamos, mas um casamento plural não tinha nenhum atrativo para Mirna. Ela estava firmemente determinada a possuir um homem só seu. E por que não Teos?

Como primeiro passo em direção à fuga, Mirna voluntariou-se para o serviço na Casa das Respostas. Desde que se lembra, a Casa das Respostas sempre esteve localizada em um monte, um pouco mais adiante da nova colônia. Era um prédio quadrado, com um único recinto, que acomodava uma caixa falante, uma tela de vidro e um maquinário do terminal de transmissão. Qualquer um da colônia podia contatar Teos e pedir informação ou equipamento especial.

Teos não media esforços para nos inundar de informações. As perguntas mais simples resultavam em uma montanha de dados, que eram transmitidos na tela e que advinham dos rolos de fotofilmes. Alguém precisava estar na Casa das Respostas para cuidar das fotografias. O trabalho não era difícil, mas era monótono. A maior parte das crianças preferia arar os campos ou extrair oferendas de minérios.

Um pedido por equipamento era atendido quase que instantaneamente. Ferramentas, máquinas, sementes, fertilizantes, material de construção, jogos, roupas—tudo vinha por meio do teo-transporte. Era um cilindro grande que sibilava da bruma em um

pilar de fogo. O local de pouso era um campo plano e chamuscado, próximo a Casa das Respostas. Caso o equipamento fosse muito pesado, esperava-se que aquele que estivesse na Casa descarregasse o teo-transporte e empilhasse as oferendas de minérios de Brumador dentro deste.

Teos pedia apenas duas coisas da colônia: pedaços de um metal extraordinariamente pesado, que eles extraíam das colinas, e pequenas amostras de solo, que eram colocadas em tubos de ensaio. No intervalo de uma hora, eles conseguiam minar oferendas suficientes para encher o compartimento de um teo-transporte. Teos nunca reclamava se eles, às vezes, enviassem o cilindro vazio, mas ele criava caso em relação às pequenas amostras da Terra. Ele deu instruções explícitas sobre o local onde se devia coletar as amostras e este nunca era o mesmo. Às vezes, eles tinham que percorrer quilômetros de distância do acampamento para satisfazer esse capricho inexplicável.

Por duas semanas, Mirna percorreu pacientemente os intermináveis fotofilmes dos livros novos e descarregou o teo-transporte sempre que ele apareceu. Ela examinou o interior do cilindro cuidadosamente e considerou todos os possíveis riscos. O compartimento era muito pequeno, mas ela concluiu que estaria segura.

Então ela tomou uma decisão. Tensa e muda, Mirna Estrela deslizou para dentro do teo-transporte, ativou a trava da porta, que automaticamente acionou o cano propulsor de lançamento. Depois disso não teria mais volta.

O compartimento escuro sacudiu fazendo um som de trovão. A força da velocidade de escape atingiu seu corpo, pressionando sua coxa contra as paredes estreitas. Ela ficou inconsciente até que a força diminuiu.

As paredes de metal agora estavam quentes, mas o espaço era muito apertado para que ela pudesse evitar qualquer contato. Quatro tubos de luz estreitos surgiram, tinham um brilho vermelho e fraco. Um líquido gelatinoso jorrou subitamente dos dutos de ventilação. O fluido atingiu toda a superfície do cubículo, escorrendo pelo carregamento de oferendas de minérios até chegar aos pés de Mirna. Ele tinha um odor sufocante e antisséptico. O rosto de Mirna ardeu e os seus olhos ficaram inflamados ao serem tocados pelo líquido.

Para piorar a situação, à medida que o líquido encharcava suas roupas, a fibra têxtil ia se desintegrando, rasgando o tecido em longos retalhos que lentamente foram dissolvidos no líquido que estava no chão. Antes que o spray antisséptico terminasse de ser borrifado, Mirna estava inevitavelmente nua. Nem suas botas pretas sobreviveram.

As luzes vermelhas se apagaram e Mirna ficou novamente aprisionada na escuridão excruciante. Um sentimento de terror advindo dos tabus que ela desafiara passou pela



sua mente. Ela começou a gritar, mas seus gritos sumiram em meio ao rugido dos motores.

De repente, o tormento tinha acabado. O teo-transporte colidiu com algo duro. Mirna foi arremessada no teto—e lá ela ficou, flutuando. Os pedaços das oferendas de minérios estavam flutuando na escuridão assim como ela estava. Os motores desligaram e a porta, que estava trancada, se abriu.

Mirna viu uma sala redonda, iluminada por uma luz brilhante azul. A natureza do medo dela mudou. Esta era a casa de Teos, mas ela não podia deixá-lo encontrá-la nua.

Então, ela tentou correr para a sala redonda, e descobriu que o menor esforço dos seus músculos a fez girar pelo ar, sem conseguir pôr os pés no chão. Não havia descida nem subida naquela sala. Ela colidiu dolorosamente com a parede de metal e agarrou-se em um suporte de luz para evitar que saltasse sem controle no ar novamente.

O teo-transporte tinha aterrissado no que parecia ser o telhado ou o chão da sala redonda. Mirna não tinha como diferenciar. Oito corredores iluminados abriram-se nas paredes laterais. Em um dos corredores, ela ouviu passos movendo-se em sua direção e cegamente se escondeu em outro corredor. À medida que ela se afastava da sala redonda, a gravidade vagamente retornava. No final do corredor, ela conseguiu ficar de pé novamente, embora ainda tivesse que andar cuidadosamente. Qualquer movimento repentino, fazia com que ela subisse num salto gracioso e batesse com a cabeça no teto.

Cautelosamente, ela abriu uma espessa porta de metal em outro corredor - e ficou paralisada, olhando através de uma parede de mica para o espaço vazio marcado com seus bilhões de estrelas. Esta era a realidade das cartas que ela tinha visto no texto de astronomia: que só o conhecimento salvou sua sanidade. Ela tinha acreditado quando a prova estava escondida sobre a bruma; então, ela tinha que acreditar agora.

De onde ela estava, era possível ver o lugar onde o teo-transporte a tinha trazido—como uma enorme roda de carroça girando no vazio. O teo-transporte foi fixado no ponto central, a partir do qual oito corredores irradiavam para fora como raios de uma circunferência em direção à borda. Muito abaixo da roda gigantesca, Mirna viu a esfera de Brumador, invisível atrás de seu manto de bruma brilhante.

Ela se moveu ao longo do corredor da borda, passando pela parede de mica, até que ela chegou a uma porta que estava aberta. O quarto acima era um compartimento para dormir e estava vazio. Ela procurou por roupas e não encontrou nada. Passou por mais quatro dormitórios antes de encontrar algo que pudesse usar—calções curtos,

claramente feitos para um homem, e uma túnica branca solta. Não era apropriado e não era a forma como ela queria estar vestida quando o confrontasse, mas tinha de servir.

Mirna estava mexendo em um baú à procura de botas, quando ouviu um passo titubeante atrás dela. Ela rodopiou e viu um homem pequeno, inclinado, de cabelo branco, completamente nu, exceto pelos calções, que eram semelhantes aos que ela estava vestindo. A pele enrugada em seu peito era castanha, queimada pelo brilho quente do sol. Tinha um par de óculos de lentes grossas pendurados numa corrente em volta do pescoço.

— Minha querida jovem, disse ele com uma voz cansada: — Esta é uma ala masculina!

— Desculpa. Eu não sabia.—

— Você deve ser uma nova paciente.

Ele tateou os óculos. Instintivamente, ela sabia que não deveria deixá-lo vê-la o suficiente para identificá-la como uma estranha. Ela passou por ele, tirando os óculos de suas mãos.

— É melhor eu encontrar a minha própria — ala.

Mirna não sabia a palavra, mas ela supôs que significava uma espécie de compartimento para dormir.

O velho disse: — Eu não sabia que eles estavam trazendo novos pacientes hoje.

Ela já estava no corredor nessa altura. Ele agarrou a mão dela.

—Nos vemos no solário? — Foi uma pergunta tímida e esperançosa. — E você vai me contar todas as notícias — tudo o que estão fazendo na Terra. Faz mais de um ano que eu não vou em casa.

Ela fugiu pelo corredor. Quando ela ouviu vozes à sua frente, puxou uma porta para trás e esgueirou-se para outra sala—um armazém cheio de caixas de medicamentos empilhadas. Atrás das caixas, ela pensou que estaria segura.

Isto não era o que ela esperava. Mirna pensou que poderia haver um homem vivendo em uma espécie de casa pré-fabricada de alguma forma suspensa acima da bruma. Mas obviamente havia outros aqui, ela não sabia quantos. E o velho a assustou, mais do que a deslumbrante vista dos céus visível através da parede de mica. Mirna nunca tinha visto a velhice antes. Ninguém em Brumador era mais velho do que ela mesma

— uma robusta, saudável e vigorosa moça de vinte anos. A enfermidade do velho a enojou; pela primeira vez em sua vida ela estava consciente da lenta decadência da morte.

A porta da sala de abastecimento se abriu. Mirna se agachou atrás das caixas, mas era capaz de ver o homem e a mulher que tinha entrado no quarto. — Uma mulher — aqui? Mirna não tinha considerado essa possibilidade. Talvez Teos já tivesse uma companheira.

Os recém-chegados estavam vestidos com uniformes brancos e frescos; a mulher usava um chapéu branco engomado. Eles carregavam uma bandeja com pequenos cilindros de vidro de onde agulhas de metal eram projetadas. Enquanto a mulher segurava a bandeja, o homem enfiava as agulhas através das tampas de pequenas garrafas e enchia os cilindros com um líquido de cor clara.

— Que horas você vai embora, Ricardo? perguntou a mulher.

— Daqui a 40 minutos. Eles estão enviando um autotransporte.

— Oh, não!

— Não se preocupe. Eles já corrigiram os defeitos a esta altura. Os autotransportes são inteiramente de confiança.

— Claro, é o que diz o exército.

— Em teoria, eles devem ser ainda mais confiáveis do que —

—Eu gostaria que você esperasse o transporte do hospital.

— E perder a oportunidade de falar no Congresso este ano? Trabalhamos muito tempo para isto, não quero falhar agora. Temos todas as provas estatísticas de que precisamos, até para convencer os idiotas muquiranas. Nos últimos oito anos, lidamos com mais de mil casos aqui. Na terra, eles foram declarados incuráveis; nós enviamos mais de oitenta por cento de volta em boa saúde, após uma estadia média de quatorze meses.

— Nenhum médico jamais questionou a eficiência da radiação cósmica e a redução da gravidade atmosférica, Ricardo.

— São apenas os nossos chamados congressistas, sempre falando sobre o orçamento. Mas, desta vez, também temos o problema dos custos resolvido. Por um ano e meio, o minério que eles mandam de Brumador tem pago por toda a nossa operação.

— Não sabia disso.

— Mantivemos em segredo, para que os políticos não cortassem a nossa verba.

Os tubos de vidro estavam cheios, e eles foram em direção da porta. — Não está certo..., a mulher persistiu, — ...eles não enviarem um transporte pilotado por você, Ricardo. Não é digno. Você é nosso diretor médico assistente e ...

As suas palavras foram cortadas quando a porta fechou atrás deles. Mirna tentou encaixar essa nova informação no que ela já sabia — ou pensava que sabia — sobre Teos. Não fazia sentido. Ela havia pedido uma vez uma definição para Praga, e era evidente para ela que este lugar que eles chamavam de Estação Espacial dos Guardiões era um hospital caro para terráqueos. Foi pago pelas oferendas de minérios extraídos em Brumador. De certo modo, Brumador estava sendo escravizado e explorado pela Terra. É verdade, não foi difícil extrair o minério, mas Mirna ressentiu-se do fato de que as crianças em Brumador nunca souberam a verdade. Há muito tempo ela tinha perdido o temor do homem chamado Teos; agora ela também perdeu o respeito por ele.

Mirna estava feliz por não tê-lo visto, feliz por ninguém saber que ela estava a bordo da Estação Espacial dos Guardiões. Ela voltaria a Brumador. Depois de contar aos outros o que sabia, Brumador não enviaria mais oferendas de minérios. Que os terráqueos desçam e a explorem eles mesmos!

Muito cautelosamente, ela abriu a porta. O corredor estava vazio. Ela foi em direção a um dos corredores que se cruzavam. Quando ouviu passos, escondeu-se noutro dormitório.

Esse era diferente dos outros, havia evidências de uma ocupação permanente. Ela presumiu que era um dormitório para as pessoas que cuidavam dos doentes. Imagens foram fixadas na parede curvada de metal, e artigos pessoais estavam amontoados nas prateleiras ao lado dos beliches. Na escrivaninha, ela viu alguns relatórios digitados. Atrás da porta, pendurados em cabides, estavam cinco uniformes, recém-lavados, idênticos aos que ela havia perdido na lavagem anti-séptica. Mirna tirou a roupa improvisada que vestia e colocou um os uniformes que estava lá, ela encontrou botas embaixo da escrivaninha. Quando já estava vestida, ficou de pé admirando-se na superfície polida da porta de metal.

Ela era uma mulher linda e tinha plena consciência disso. Seu rosto estava bronzeado pela luz do sol filtrada pela bruma de Brumador. Seus lábios eram vermelhos e sensuais; seus cabelos longos platinados caíam sobre os seus ombros. Ela se comparou a pequena mulher de rosto sério que tinha visto na sala de suprimentos. Aquela mulher era uma típica terráquea? Os lábios de Mirna formaram um sorriso desdenhoso. Que os deuses desçam até Brumador e descubram como era uma mulher de verdade no exuberante e verdejante paraíso Brumadoriano.

Mirna foi até a escrivaninha e deu uma olhada nos relatórios. Eles tinham sido escritos por um homem que se autodenominou como “Comandante chefe, Estação Espacial dos Guardiões”, e eram endereçados ao Congresso do governo mundial. Um dos documentos era um inventário de suprimentos; um segundo, ainda inacabado, era um relatório orçamental. (*Você não vai demonstrar lucro da próxima vez*, pensou Mirna de forma vingativa, *quando pararmos de enviar as oferendas de minérios*). O outro relatório era sobre Brumador, e Mirna o leu com mais interesse.

Um Parágrafo chamou a atenção dela:

“Nós solicitamos a coleta de amostras de solo de uma área de dez mil metros quadrados. Nossa análise química foi feita e não encontramos nada que possa ser remotamente prejudicial à vida humana. Amostras atmosféricas também mostraram os mesmos resultados negativos. Por outro lado, temos evidências diretas que nenhuma vida animal foi capaz de se desenvolver em Brumador. O ciclo de vida é exclusivamente botânico.”

Com as amostras de solo, Mirna percebeu que essas seriam as amostras de terra que Teos solicitava frequentemente. Os terráqueos estavam planejando mover o hospital para Brumador? Pensar nisso a perturbava, ela não queria que o mundo com o qual ela estava acostumada ficasse cheio de velhos doentes descartados pela Terra.

Ela passou para a segunda página do relatório: “ A primeira colônia sobreviveu por um ano. A Praga no Antigo Vilarejo se desenvolveu apenas depois da primeira colheita da comida cultivada em Brumador. Está cada vez mais evidente que o ciclo botânico de Brumador deve ser examinado antes de acharmos uma resposta. Para que tudo seja feito de forma adequada, precisamos mandar equipes de pesquisa para a superfície, e isso exige muito mais verba para pesquisa do que nós tivemos no passado. Os trajes metálicos de imunização que, é claro, devem ser destruídos após cada expedição —”

“E, se eu puder perguntar, qual é o significado disso? ”

Mirna soltou o relatório e foi em direção à porta, ela viu uma mulher em pé de frente a porta — outra mulher com expressão séria, usando uma touca branca engomada, empoleirada em seus cabelos grisalhos.

— Eu devo ter entrado no quarto errado. disse Mirna em tom de voz baixo.

— De fato! Todo mundo sabe que esta é a sede do comando.

— Quem é você? A mulher colocou a mão no braço de Mirna e apertou-o com força até que os dedos atravessaram o uniforme tocando a pele dela.

Mirna se afastou, colocando seus ombros para trás de forma altiva. Por que ela deveria sentir medo? Ela estava de cabeça erguida, de modo que estava mais alta do que essa desconhecida de aparência velha. Mirna sabia que a força dessa terráquea não seria páreo para a dela.

— Meu Nome é Mirna Estrela. Disse Mirna, silenciosamente. — Eu vim até aqui em um teo-transporte lá de Brumador

— Brumador? A mulher ficou boquiaberta. Ela sussurrou a palavra como se fosse uma profanidade. De repente, ela se virou e saiu em disparada pelo corredor, gritando de medo.

— *Ela está com medo de mim!* Mirna Pensou. E isso não fazia sentido algum.

Mirna sabia que tinha que voltar ao teo-transporte logo, os terráqueos criaram os tabus para conseguir as oferendas de minério, então eles fariam de tudo para impedir o retorno dela. Ela foi em direção a um corredor onde havia uma intersecção, e um alarme começou a soar, o som vibrou contra as paredes de metal. Um homem armado saltou de uma sala ao lado e atirou contra Mirna, mas a bala perfurou a parede. Então eles seriam capazes de matá-la. Esses homens só fingem ser Deuses!

Antes que o homem pudesse atirar novamente, Mirna fugiu por um corredor lateral e, mais uma vez, a sensação de ausência de peso tomou conta dela. Ela não conseguia se mover rapidamente. Ela viu o homem armado na entrada do corredor, então empurrou e abriu a porta de uma sala desesperadamente, que estava lotada de consoles de máquinas de transmissão. Três homens estavam sentados em frente aos alto-falantes, eles pularam e foram em direção a ela, lutando contra a força da gravidade de forma desajeitada.

Mirna segurou na maçaneta da porta e pegou impulso em direção ao teto. Na mesma hora, o homem armado atirou. O tiro não foi certo e acabou atingindo o maquinário de transmissão. Houve uma explosão e um fogo azul tomou conta da sala, os três homens gritaram em agonia. Mirna acabou sendo jogada para os corredores novamente.

E a Estação Espacial dos Guardiões mergulhou na escuridão. Mirna ficou tonta, o ombro dela queimava de dor onde ela tinha batido na parede. Ela tentou se arrastar em direção a sala redonda, mas tinha perdido seu senso de direção e acabou voltando novamente para os corredores.

O sino estridente parou quando as luzes se apagaram, mas Mirna ouviu o pânico de vozes assustadas e, ao longe, alguém gritando. Barulho de pés correndo em sua direção. Mirna se achatou contra a parede externa do corredor. Um grupo de homens passou correndo por ela.

—De Brumador. Disse, um deles. — Uma mulher de Brumador!

Eles se foram.

Mirna retornou ao corredor onde havia as intersecções. Ela se dirigiu silenciosamente até a sala redonda plataforma e em direção ao teo-transporte. De repente, muito perto, ouviu vozes que reconheceu — o homem e a mulher que conversavam na sala de suprimentos.

— Você ainda está bem, Ricardo. Disse, a mulher. — Ela não ficou aqui tempo suficiente para ...

— Nós não sabemos disso. Não sabemos como se espalha ou com que rapidez. Não podemos nos arriscar.

— Então... então não temos escolha? Sua voz saia como um sussurro fraco, sufocada pelo terror.

— Nenhuma. Essas foram as ordens permanentes de emergência dos últimos vinte anos. Sempre houve a possibilidade de que um deles poderia escapar. Se tivéssemos permissão para usar uma abordagem de educação diferente, mas os políticos não permitiriam isso. A Estação Espacial dos Guardiões tem que ser destruída e nós devemos morrer com ela.

— Não poderíamos esperar e ter certeza?

— É tudo muito rápido. Nenhum de nós conseguiria fazer o que tem que ser feito depois.

As vozes se afastaram, e Mirna flutuou até a sala da plataforma. Ela encontrou a câmara de vácuo e se jogou para dentro do teo-transporte. A fechadura de metal sibilou, trancou e uma luz acendeu. Então, ela percebeu que tinha cometido um erro, essa embarcação não era a que ela tinha usado para sair de Brumador. A cabine minúscula estava equipada com um lounge para dormir, um armário de comida e um arquivo de filmes. Acima do lounge, um visor de mica possibilitava uma visão ampla do céu.

Mirna lembrou-se que o homem da sala de suprimentos havia dito que estava esperando por um autotransporte de coleta, e estava voltando para a Terra. Mirna entrou na embarcação dele no lugar da dela. Em pânico, ela tentou abrir a porta novo, mas não conseguiu. Máquinas sob seus pés começaram a fazer barulho, e ela sentiu uma leve guinada quando a embarcação deixou o centro da Estação Espacial dos Guardiões.

A embarcação balançava em um amplo arco. Através do visor, Mirna viu a enorme estação espacial diminuindo de tamanho gradativamente atrás dela, a silhueta contra a bruma de Brumador. De repente, a Estação Espacial brilhou formando uma vermelha e silenciosa explosão. Seus fragmentos flamejantes morreram no vazio.

Mirna caiu no chão do lounge, em seguida. A náusea girou em sua mente. O homem havia dito que eles se destruiriam. Isso aconteceu porque Mirna estava a bordo? Mas por que eles estavam com medo dela? Que mal ela poderia fazer a eles? Mirna tinha saído de Brumador para descobrir a verdade, e a verdade era uma loucura. A verdade sempre foi assim — uma amarga desilusão, um horror vazio?

Agora, ela tinha mais uma coisa a dizer ao povo de Brumador: não que os Deuses eram homens, mas que os homens eram loucos. Que acreditam nos tabus; Envia oferendas de minérios. Esse foi um pequeno preço a ser pago para manter essa loucura longe de Brumador.

E Mirna sabia que ela não poderia voltar. Com a Estação Espacial destruída, ela nunca poderia voltar a Brumador; o autotransporte de coleta a levava inexoravelmente para a Terra. O grito da máquina lentamente se tornou estridente, martelando contra seus tímpanos. As estrelas visíveis no visor desfocaram-se e apagaram-se. Mirna sentiu um pouco de vertigem quando a nave passou da velocidade convencional para o momento de distorção de tempo-espço. E então, o som desapareceu, a embarcação estava flutuando em uma escuridão impenetrável.

Mirna não fazia ideia de quanto tempo passava subjetivamente. Quando ela ficou com fome, pegou comida do armário. Ela dormiu quando estava cansada. Para passar o tempo, ela colocou os filmes para ver através do projetor.

A maior parte dos filmes armazenados no autotransporte era sobre assuntos que Mirna já sabia. Claramente, os terráqueos não haviam negado nenhuma informação a Brumador. Apenas uma coisa estava restrita — Astronomia. E isso não teria feito diferença alguma, se Mirna não tivesse encontrado o texto nas ruínas do Antigo Vilarajo. As pessoas em Brumador nunca viram as estrelas; E nem tinham como saber — ou se importar — com o que estava acima da bruma.

Mirna estava mais interessada na história da Terra, que ela nunca conheceu antes. Ela estudou as fotos dos grandes centros industriais e do campo lotado. Ela ficou admirada com as multidões nas ruas da cidade e com os edifícios gigantescos. No entanto, ela gostava mais de seu próprio mundo — das florestas e dos riachos que corriam livremente; os vastos abertos espaços e com poucas pessoas.

Um dos filmes se referia a fundação da primeira colônia em Brumador, um planeta do Sistema Sírio que fora nomeado por seu descobridor. De acordo com o filme,



Brumador era uma das muitas colônias fundadas pela Terra. Ele era incrivelmente rico em reservas de Urânio.

Esse, conforme Mirna presumiu, era o nome das oferendas de minérios que eles enviam nos teo-transportes.

A atmosfera e a gravidade em Brumador eram o dobro das da Terra; Brumador deveria ter se tornado a maior colônia do sistema. A princípio, o governo da Terra planejara uma migração de dez milhões de pessoas.

“Após doze meses, a colônia de reconhecimento foi destruída por uma infecção,” Mirna leu na tela de projeção, “que nunca foi identificada. Ela simplesmente é chamada de Praga. A origem dessa praga é desconhecida. Nenhum adulto da colônia de reconhecimento sobreviveu; as crianças nascidas em Brumador são imunes, mas são hospedeiras da Praga. O primeiro grupo de resgate enviado para salvá-las morreu em oito horas. Nenhum ser humano, exceto as crianças nativas de lá, sobreviveu à Praga.”

Agora Mirna sabia toda a verdade. Ela sabia da motivação por trás da loucura de autodestruição. Não era insanidade, mas uma coragem sublime de alguns seres humanos em se autossacrificar para salvar o resto de sua civilização. Eles destruíram a Estação Espacial dos Guardiões para reter a Praga lá. E Mirna já tinha escapado antes disso acontecer! Ela estava sendo lançada no espaço em direção à Terra e ela destruiria esta também.

Se ela se matasse, isso não mudaria a situação em nada. A espaçonave ainda manteria seu curso até seu destino. Seu corpo estaria a bordo; talvez, o próprio revestimento da cabine estivesse agora infectado com os germes da Praga. Quando a espaçonave chegasse a terra, o veneno fatal escaparia.

Com ar pesado, Mirna ligou outro filme, e ela leu o que os Terráqueos fizeram para ajudar Brumador. Eles construíram a Estação Espacial dos Guardiões para isolar a Praga. Protegidos com roupas de imunização de metal, voluntários desceram para o mundo da praga e cuidaram da criação das crianças sobreviventes até que estas estivessem crescidas o suficiente para cuidar de si mesmas. A Casa das Respostas havia sido criada como um dispositivo educacional.

“Tanto quanto possível, os cientistas responsáveis procuram criar uma situação social normal para os hospedeiros da Praga. Eles nunca poderiam ter permissão para deixar Brumador, mas quando eles estivessem maduros o suficiente para saberem a verdade, Brumador seria integrado ao sistema colonial. O Urânio de Brumador já tem um comércio significativo no mercado colonial. Um subproduto incidental da Estação Espacial dos Guardiões é o hospital, onde casos avançados de certos tipos de câncer e

doenças pulmonares foram curadas por meio de exposição a gravidade reduzida ou radiação cósmica.”

Mirna desligou o projetor. As palavras faziam sentido, mas o resultado, não. Ela sabia precisamente porque a Terra havia falhado. Quando eles amadureceram— nessas três palavras, ela encontrou a resposta.

Mirna já tinha dormido duas vezes quando o autotransporte irrompeu a barreira temporal e ela pôde ver as estrelas novamente. Logo a sua frente, ela viu um planeta esmeralda, brilhando sob o sol, e ela soube instintivamente que ali era a Terra. Um alto-falante sob o painel de controle vibrou com o som de uma voz humana.

— Autotransporte SC 539, atenção! você tem permissão para aterrissar na plataforma sete-três-um, Base de Brasília. Repito, sete-três-um. Informe o lugar de destino. Entendido?

A mensagem foi repetida três vezes até Mirna concluir que a mensagem era pra ela. Ela achou três pequenos botões perto do microfone e um interruptor de plástico rotulado como radiotransmissor. Ela apertou o botão e descobriu que podia falar com a base de lançamento espacial de Brasília.

O problema dela estava então resolvido. Ela poderia dizer que veio de Brumador. E a Terra mandaria, sem hesitar, naves para abater a sua ainda no céu, antes que ela pudesse aterrissar. Mas ela sabia que tinha que fazer mais do que isso — o mesmo erro não deveria ser repetido.

— Quanto tempo eu tenho? — Ela perguntou.

— Trinta e quatro minutos.

— Você acha que consegue manter este autotransporte aqui em cima por mais tempo?

— Moça, os autotransportes de coleta estão em modo automático. Faça chuva, faça sol, ela irá aterrissar exatamente no horário marcado.

— O que acontece se eu não informar o lugar de destino?

Nós trazemos você em modo de emergência e você sofrerá as consequências disso. Mirna pediu permissão para falar com alguma autoridade do Governo. O Comandante da base espacial de Brasília disse que seu pedido era absurdo. Por nove minutos Mirna argumentou, com um crescente sentimento de urgência, até que ele relutantemente o concedesse. O problema dela era ter que dizer a verdade sem se

comprometer. Ela não poderia permitir (exceto como último recurso) que eles a matassem, até que eles soubessem porque o isolamento de Brumador havia falhado.

Faltavam apenas treze minutos para a aterrissagem quando Mirna finalmente ouviu uma voz mais velha e mais respeitável no alto falante. Até lá, a visão da Terra já havia tomado conta do céu. Mirna podia ver, abaixo dela, os continentes tomando forma. O senhor identificou-se como um senador eleito do Congresso planetário. Ela não sabia o quão importante ele realmente era, mas ela não podia se dar ao luxo de esperar mais.

Ela falou sinceramente quem ela era. Ela sabia que estava declarando a sua própria sentença de morte, mas ainda assim falou de forma calma. Ela tinha que mostrar a mesma coragem que os terráqueos quando se sacrificaram na Estação Espacial dos Guardiões.

— Escute-me por dois minutos antes de abater minha nave. — Ela pediu.

— Eu pilotei o teo-transporte vindo de Brumador —Estou chegando agora para espalhar a Praga na Terra — porque eu queria saber a verdade sobre algo que me intrigava. Eu tinha que saber o que havia atrás da bruma. Na casa das respostas vocês não nos diriam isso. Agora eu entendo o porquê. Nós éramos crianças, vocês estavam esperando para quando estivéssemos mais maduros. E esse foi o erro de vocês. Essa cegueira quase destruiu sua civilização.

Vocês terão que construir uma nova Estação Espacial dos Guardiões. Dessa vez, não escondam nada de nós por sermos crianças. A verdade nos faz amadurecer, não ilusões e tabus. Nunca se esqueçam disso. É mais fácil encarar a verdade do que ter que abrir mão de um sonho que fomos ensinados a acreditar. Digam a verdade às suas crianças quando elas pedirem. Contem-nos, por favor! Nós podemos nos adaptar a isso. Somos tão humanos quanto vocês.

Mirna respirou fundo. Seus lábios estavam tremendo. Será que esse homem entendeu o que ela tentou dizer? Ela nunca saberia. Se ela tiver falhado, a Terra, apesar de sua generosidade e coragem, seria destruída um dia por crianças que foram criadas sob muitas desilusões.

— Estou pronta! — Mirna disse de maneira firme.

Ela esperou, restavam menos de dez minutos. Sua cápsula começou a se mover mais devagar. Ela estava a menos de dois quilômetros da Terra. Ela viu os arranha-céus e as rodovias brancas contornando os campos verdejantes.

Restavam sete minutos. Onde estavam as naves de guerra? Ela olhava ansiosamente pela janela e o céu estava vazio.

Desesperadamente, ela apertou novamente o botão do radiotransmissor.

— Mande-os depressa! — ela gritou.

— Vocês não podem me deixar aterrissar!

Nenhuma resposta saiu do alto-falante. O autotransporte começou a sobrevoar ao redor de uma grande cidade, localizada na extremidade sul de um lago.

— Por que vocês não fazem alguma coisa? — Mirna gritou. — Estão esperando o que?

O autotransporte acoplou em uma plataforma de metal. A porta se abriu. Mirna se encolheu contra a parede, olhando para o que ela destruiria — para o que já havia destruído. Um homem respeitável e corpulento subiu, ofegante, a rampa em direção a ela.

— Não! ela murmurou. - Não venha até aqui.

— Eu sou o Senador Biltre. Disse brevemente.

— Há dez anos o Dr. Jamerson vem nos falando sobre a Estação Espacial dos Guardiões e que nós deveríamos adotar uma abordagem educacional diferente relativa a Brumador. A sua transmissão assustadora foi inteligente, mas já estamos acostumados aos truques de Jamerson. Ele será destituído do cargo por isso, e se eu tiver que dizer algo sobre isso...

— Você não acreditou em mim? Mirna arquejou.

— Claro que não. Se algum portador da praga escapasse de Brumador, nós já teríamos ouvido falar a respeito muito antes disso. O problema de vocês cientistas é que vocês não nos creditam o mínimo de bom-senso. E Jameson é o pior de todos. Ele está sempre argumentando que os sociólogos é que deveriam determinar nossa política quanto à Brumador e não os representantes eleitos pelo povo.

Mirna desabou e começou a chorar histericamente. O senador colocou sua mão sobre o ombro, de forma não muito gentil.

— Sem mais drama, por favor! Você não tem ideia do quanto é afortunada, mocinha. Se os políticos fossem tão imprudentes quando vocês cientistas alegam que somos, nós podíamos ter abatido sua nave no espaço. Vocês cientistas têm que abandonar a ideia que vocês são os nossos guardiões; nós somos totalmente capazes de cuidar de nós mesmo!

Produced by Greg Weeks, David Wilson and the Online  
Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net>

---

**Transcriber's note:**

This story was published in *Astounding Science Fiction*, June 1955. Extensive research did not uncover any evidence that the U.S. copyright on this publication was renewed.

# THE GUARDIANS

## BY IRVING COX, JR.

*It's not always "The Truth shall set you free!"  
Sometimes it's "Want of the Truth shall drive  
you to escape!" And that can be dangerous!*

Illustrated by van Dongen

54Mryna Brill intended to ride the god-car above the rain mist. For a long time she had not believed in the taboos or the Earth-god. She no longer believed she lived on Earth. This paradise of green-floored forests and running brooks was something called Rythar. Six years ago, when Mryna was fourteen, she first discovered the truth. She asked a question and the Earth-god ignored it. A simple question, really: What is above the rain mist? God could have told her. Every day he answered technical questions that were far more difficult. Instead, he repeated the familiar taboo about avoiding the Old Village because of the Sickness.

And consequently Mryna, being female, went to the Old Village. There was nothing really unusual about that. All the kids went through the ruins from time to time. They had worked out a sort of charm that made it all right. They ran past the burned out shells of the old houses and they kept their eyes shaded to ward off the Sickness.

But even at fourteen Mryna had outgrown charms and she didn't believe in the Sickness. She had once asked the Earth-god what sickness meant, and the screen in the answer house had given her a very detailed answer. Mryna knew that none of the hundred girls and thirty boys inhabiting Rythar had ever been sick. That, like the taboo of the Old Village, she considered a childish superstition.

The Old Village wasn't large—three parallel roads, a mile long, lined with the charred ruins of prefabs, which were exactly like the cottages where the kids lived. It was nothing to inspire either fear or legend. The village had burned a long time ago; the grass from the forest had grown a green mantle over the skeletal walls.

For weeks Mryna poked through the ruins before she found anything of significance—a few, scorched pages of a printed pamphlet buried deep in the black earth. The paper excited her tremendously. It was different from the film books photographed in the answer house. She had never touched anything like it; and it seemed wonderful stuff.

She read the pamphlet eagerly. It was part of a promotional advertisement of a world called Rythar, “the jewel of the Sirian Solar System.”

The description made it obvious that Rythar was the green paradise where Mryna lived—the place she had been taught to call Earth. And the pamphlet had been addressed to “Earthmen everywhere.”

Mryna made her second find when she was fifteen, a textbook in astronomy. For the first time in her life she read about the spinning dust of the universe lying beyond the eternal rain mist that hid her world.

The solid, stable Earth of her childhood was solid and stable no longer, but a sphere turning through a black void. Nor was it properly called Earth, but a planet named Rythar. The adjustment Mryna had to make was shattering; she lost faith in everything she believed.

Yet the clock-work logic of astronomy appealed to her orderly mind. It explained why the rain mist glowed with light during the day and turned dark at night. Mryna had never seen a clear sky. She had no visual data to tie her new concept to.

For six years she kept the secret. She hid the papers and the astronomy text which she found in the Old Village. Later, after the metal men came, she destroyed everything so none of the other women would know the Earth-god was a man.

At first she kept the secret because she was afraid. For some reason the man who played at being god wanted the kids to believe Rythar was Earth, the totality of the universe enveloped in a cloud of mist. She knew that because she once asked god what a planet was. The face on the screen in the answer house became frigid with anger—or was it fear?—and the Earth-god said:

“The word means nothing.”

But late that night a very large god-car brought six metal men down through the rain mist. They were huge, jointed things that clanked when they walked. Four of them used weapons to herd the kids together in their small settlement. The two others went to the Old Village and blasted the ruins with high explosives.

Vaguely Mryna remembered that the metal men had been there before, when the kids were still very small. They had built the new settlement and they had brought food. They lived with the children for a long time, she thought—but the memory was hazy.

As the years passed, Mryna's fear retreated and only one thing became important: she knew the Earth-god was a man. On the fertile soil of Rythar there were one hundred women and thirty men. All the boys had taken mates before they reached seventeen. Seventy girls were left unmarried, with no prospect of ever having husbands. A score or more became second wives in polygamous homes, but plural marriage had no appeal for Mryna. She was firmly determined to possess a man of her own. And why shouldn't it be the Earth-god?

As her first step toward escape, Mryna volunteered for duty in the answer house. For as long as she could remember, the answer house had stood on a knoll some distance beyond the new settlement. It was a square, one-room building, housing a speaking box, a glass screen and a console of transmission machinery. Anyone in the settlement could contact god and request information or special equipment.

God went out of his way to deluge them with information. The simplest question produced voluminous data, transmitted over the screen and photographed on reels of film. Someone had to be in the answer house to handle the photography. The work was not hard, but it was monotonous. Most of the kids preferred to farm the fields or dig the sacrificial ore.

56A request for equipment was granted just as promptly. Tools, machines, seeds, fertilizers, packaged buildings, games, clothing—everything came in a god-car. It was a large cylinder which hissed down from the rain mist on a pillar of fire. The landing site was a flat, charred field near the answer house. Unless the equipment was unusually heavy, the attendant stationed in the house was expected to unload the god-car and pile aboard the sacrifice ores mined on Rythar.

God asked two things from the settlement: the pieces of unusually heavy metal which they dug from the hills, and tiny vials of soil. In an hour's time they could mine enough ore to fill the compartment of a god-car, and god never complained if they sometimes sent the cylinder back empty. But he fussed mightily over the small vials of Earth. He gave very explicit directions as to where they were to take the samples, and the place was never the same. Sometimes they had to travel miles from the settlement to satisfy that inexplicable whim.

For two weeks Mryna patiently ran off the endless films of new books and unloaded the god-car when it came. She examined the interior of the cylinder carefully and she

weighed every possible risk. The compartment was very small, but she concluded that she would be safe.

And so she made her decision. Tense and tight-lipped Mryna Brill slipped aboard the god-car. She sealed the lock door, which automatically fired the launching tubes. After that there was no turning back.

The dark compartment shook in a thunder of sound. The weight of the escape speed tore at her body, pulling her tight against the confining walls. She lost consciousness until the pressure lessened.

The metal walls became hot but the space was too confining for her to avoid contact entirely. Four narrow light tubes came on, with a dull, red glow, and suddenly a gelatinous liquid emptied out of ceiling vents. The fluid sprayed every exposed surface in the cubicle, draining through the shipment of sacrifice ores at Mryna's feet. It had a choking, antiseptic odor; it stung Mryna's face and inflamed her eyes.

Worse still, as the liquid soaked into her clothing, it disintegrated the fiber, tearing away the cloth in long strips which slowly dissolved in the liquid on the floor. Before the antiseptic spray ceased, Mryna was helplessly naked. Even her black boots had not survived.

The red lights went out and Mryna was imprisoned again in the crushing darkness. A terror of the taboos she had defied swept her mind. She began to scream, but the sound was lost in the roar of the motors.

Suddenly it was over. The god-car lurched into something hard. Mryna was thrown against the ceiling—and she hung there, weightless. The pieces of sacrifice ore were floating in the darkness just as she was. The 57motors cut out and the lock door swung open.

Mryna saw a circular room, brightly lighted with a glaring, blue light. The nature of her fear changed. This was the house of the Earth-god, but she could not let him find her naked.

She tried to run into the circular room. She found that the slightest exertion of her muscles sent her spinning through the air. She could not get her feet on the floor. There was no down and no up in that room. She collided painfully with the metal wall and she snatched at a light bracket to keep herself from bouncing free in the empty air again.

The god-car had landed against what was either the ceiling or the floor of the circular room. Mryna had no way of making a differentiation. Eight brightly lighted corridors opened into the side walls. Mryna heard footsteps moving toward her down one of the corridors; she pulled herself blindly into another. As she went farther from the circular room, a vague sense of gravity returned. At the end of the corridor she was able to stand on her feet again, although she still had to walk very carefully. Any sudden movement sent her soaring in a graceful leap that banged her head against the ceiling.



Cautiously she opened a thick, metal door into another hall—and she stood transfixed, looking through a mica wall at the emptiness of space pinpointed with its billions of stars. This was the reality of the charts she had seen in the astronomy text: that knowledge alone saved her sanity. She had believed it when the proof lay hidden above the rain mist; she must believe it now.

From where she stood, she was able to see the place where the god-car had brought her—like a vast cartwheel spinning in the void. The god-car was clamped against the hub, from which eight corridors radiated outward like wheel spokes toward the rim. Far below the gigantic wheel Mryna saw the sphere of Rythar, invisible behind its shroud of glowing mist.

She moved along the rim corridor, past the mica wall, until she came to a door that stood open. The room beyond was a sleeping compartment and it was empty. She searched it for clothing, and found nothing. She went through four more dormitory rooms before she came upon anything she could use—brief shorts, clearly made for a man, and a loose, white tunic. It wasn't suitable; it wasn't the way she wanted to be dressed when she faced him. But it had to do.

Mryna was pawing through a footlocker looking for boots when she heard a hesitant step behind her. She whirled and saw a small, stooped, white-haired man, naked except for trunks like the ones she was wearing. The wrinkled skin on his wasted chest was burned brown by the hot glare of the sun. Thick-lensed glasses hung from a chain around his neck.

58“My dear young lady,” he said in a tired voice, “this is a men’s ward!”  
“I’m sorry. I didn’t know—”

“You must be a new patient.” He fumbled for his glasses. Instinctively she knew she shouldn’t let him see her clearly enough to identify her as a stranger. She shoved past him, knocking the glasses from his hand.

“I’d better find my own—ward.” Mryna didn’t know the word, but she supposed it meant some sort of sleeping chamber.

The old man said chattily, “I hadn’t heard they were bringing in any new patients today.”

She was in the corridor by that time. He reached for her hand. “I’ll see you in the sunroom?” It was a timid, hopeful question. “And you’ll tell me all the news—everything they’re doing back on Earth. I haven’t been home for almost a year.”

She fled down the hall. When she heard voices ahead of her, she pulled back a door and slid into another room—a storeroom piled with cases of medicines. Behind the cartons she thought she would be safe.

This wasn’t what she had expected. Mryna thought there might be one man living in a kind of prefab somehow suspended above the rain mist. But there were obviously others

up here; she didn't know how many. And the old man frightened her—more than the dazzling sight of the heavens visible through the mica wall. Mryna had never seen physical age before. No one on Rythar was older than she was herself—a sturdy, healthy, lusty twenty. The old man's infirmity disgusted her; for the first time in her life she was conscious of the slow decay of death.

The door of the supply room slid open. Mryna crouched low behind the cartons, but she was able to see the man and the woman who had entered the room. A woman—here? Mryna hadn't considered that possibility. Perhaps the Earth-god already had a mate.

The newcomers were dressed in crisp, white uniforms; the woman wore a starched, white hat. They carried a tray of small, glass cylinders from which metal needles projected. While the woman held the tray, the man drove the needles through the caps of small bottles and filled the cylinders with a bright-colored liquid.

“When are you leaving, Dick?” the woman asked.

“In about forty minutes. They're sending an auto-pickup.”

“Oh, no!”

“Now don't start worrying. They have got the bugs out of it by this time. The auto-pickups are entirely trustworthy.”

“Sure, that's what the army says.”

“In theory they should be even more reliable than—”

“I wish you'd wait for the hospital shuttle.”

“And miss the chance to address Congress this year? We've worked too long for this; I don't want to muff it now. We've all the statistical proof we need, even to convince those pinchpenny halfwits. During the past eight years we've handled more than a thousand cases up here. On Earth they were pronounced incurable; we've sent better than eighty per cent back in good health after an average stay of fourteen months.”

“No medical man has ever questioned the efficiency of cosmic radiation and a reduced atmospheric gravity, Dick.”

“It's just our so-called statesmen, always yapping about the budget. But this time we have the cost problem licked, too. For a year and a half the ore they send up from Rythar has paid for our entire operation.”

“I didn't know that.”

“We've kept it under wraps, so the politicians wouldn't cut our appropriations.”

Their glass tubes were full, and they turned toward the door. “It isn’t right,” the woman persisted, “for them not to send a piloted shuttle after you, Dick. It isn’t dignified. You’re our assistant medical director and—”

Her words were cut off as the door slid shut behind them. Mryna tried to fit this new information into what she already knew—or thought she knew—about the Earth-god. It didn’t add up to a pretty picture. She had once asked for a definition of illness, and it was apparent to her that this place which they called the Guardian Wheel was an expensive hospital for Earthmen. It was paid for by the sacrificial ores mined on Rythar. In a sense, Rythar was being enslaved and exploited by Earth. True, it was not difficult to dig out the ore, but Mryna resented the fact that the kids on Rythar had not been told the truth. She had long ago lost her awe of the man called god; now she lost her respect as well.

Mryna was glad she had not seen him, glad no one knew she was aboard the Guardian Wheel. She would return to Rythar. After she told the others what she knew, Rythar would send up no more sacrifice ores. Let the Earthmen come down and mine it for themselves!

Very cautiously she pulled the door open. The rim corridor was empty. She moved toward one of the intersecting corridors. When she heard footsteps, she hid in another dormitory room.

This was different from the others. It showed more evidence of permanent occupation. She guessed it was a dormitory for the people who took care of the sick. Pictures were fastened to the curved, metal walls. Personal articles cluttered the shelves hung beside the bunks. On a writing desk she saw a number of typed reports. Five freshly laundered uniforms, identical to the one she had lost in the antiseptic wash, hung on a rack behind the door. Mryna stripped off the makeshift she was wearing and put on one of the uniforms; she found boots under the desk. When she was dressed, she stood admiring herself in the polished surface of the metal door.

She was a handsome woman, and she was very conscious of that. Her face was tanned by the mist-filtered sunlight of Rythar; her lips were red and sensuous; her long, platinum-colored hair fell to her shoulders. She compared herself to the small, hard-faced female she had seen in the supply room. Was that a typical Earthwoman? Mryna’s lips curled in a scornful smile. Let the gods come down to Rythar, then, and discover what a real female was like in the lush, green, Rytharian paradise.

Mryna went to the desk and glanced at the typed reports. They had been written by a man who signed himself “Commander in Charge, Guardian Wheel,” and they were addressed to the Congress of the world government. One typed document was a supply inventory; a second, still unfinished, was a budget report. (*You won’t show a profit next time*, Mryna thought vindictively, *when we stop sending you the sacrifice ore.*) Another report dealt with Rythar, and Mryna read it with more interest.

One paragraph caught her attention,

“We have asked for soil samples to be taken from an area covering ten thousand square miles. Our chemical analysis has been thorough, and we find nothing that could be remotely harmful to human life. Atmospheric samples produce the same negative results. On the other hand, we have direct evidence that no animal life has ever evolved on Rythar; the life cycle is exclusively botanical.”

The soil samples, Mryna realized, would be the vials of Earth which the Earth-god had requested so often. Were the Earthmen planning to move their hospital down to Rythar? That idea disturbed her. Mryna did not want her garden world cluttered up with a lot of sick, old men discarded by Earth.

She turned to the second page of the report. “The original colony survived for a year. The Sickness in the Old Village developed only after the first harvest of Rytharian-grown food. It is more and more evident that the botanical cycle of Rythar must be examined before we find the answer. To do that adequately, we shall have to send survey teams to the surface; that requires much larger appropriations for research than we have had in the past. The metal immunization suits, which must, of course, be destroyed after each expedition—”

“And what, may I ask, is the meaning of this?”

Mryna dropped the report and swung toward the door. She saw a woman standing there—another hard-faced Earthwoman, with a starched, white cap perched on her graying hair.

“I must have come to the wrong room,” Mryna said in a small voice.

“Indeed! Everyone knows this is command headquarters. Who are you?” The woman put her hand on Mryna’s arm, and the fingers bit through the uniform into Mryna’s flesh.

61Mryna pulled away, drawing her shoulders back proudly. Why should she feel afraid? She stood a head taller than this dried up stranger; she knew the Earthwoman’s strength would be no match for hers.

“My name is Mryna Brill,” she said quietly. “I came up in a god-car from Rythar.”

“Rythar?” The woman’s mouth fell open. She whispered the word as if it were profanity. Suddenly she turned and ran down the rim corridor, screaming in terror.

*She’s afraid of me!* Mryna thought. And that made no sense at all.

Mryna knew she had to get back to the god-car quickly. Since the Earthmen had built up the taboos in order to get their sacrifice ores from Rythar, they would do everything they could to prevent her return. She ran toward an intersecting spoke corridor. An alarm bell began to clang, and the sound vibrated against the metal walls. An armed man sprang

from a side room and fired his weapon at Mryna. The discharge burned a deep groove in the wall.

So they would even kill her—these men who pretended to be gods!

Before the man could fire again, Mryna swung down a side corridor, and at once the sensation of weightlessness overtook her. She could not move quickly. She saw the armed man at the mouth of the corridor. Frantically she pushed open the door of a room, which was crowded with consoles of transmission machines. Three men were seated in front of the speakers. They jumped and came toward her, clumsily fighting the weightlessness.

Mryna caught at the door jamb and swung herself toward the ceiling. At the same time the armed man fired. The discharge missed her and washed against the transmission machinery. Blue fire exploded from the room. The three men screamed in agony. Concussion threw Mryna helplessly toward the rim again.

And the Guardian Wheel was plunged into darkness. Mryna's head swam; her shoulder seethed with pain where she had banged into the wall. She tried to creep toward the circular room, but she had lost her sense of direction and she found herself back on the rim.

The clanging bell had stopped when the lights went out, but Mryna heard the panic of frightened voices. Far away someone was screaming. Running feet clattered toward her. Mryna flattened herself against the outer wall. An indistinct body of men shot past her.

“From Rythar,” one of them was saying. “A woman from Rythar!”

“And we've blasted the communication center. We've no way of sending the warning back to Earth—”

They were gone.

Mryna moved back into the spoke corridor. She felt her way silently toward the circular hub room and the god-car. Suddenly very close she heard voices which she recognized—the man and the woman who had been talking in the supply room.

“You're still all right, Dick,” the woman said. “She hasn't been here long enough to—”

“We don't know that. We don't know how it spreads or how quickly. We can't take the chance.”

“Then ... then we've no choice?” Her voice was a small whisper, choked with terror.

“None. These have been standing emergency orders for twenty years. We always faced the possibility that one of them would escape. If we'd been allowed to use a different

policy of education—but the politicians wouldn't permit that. The Wheel has to be destroyed, and we must die with it.”

“Couldn't we wait and make sure?”

“It works too fast. None of us would be able to do the job—afterward.”

The voices moved away. Mryna floated toward the hub room. She found the air lock and pulled herself into the god-car. The metal lock hissed closed and light came on. Then she knew she had made a mistake. This ship was not the one she had used when she came up from Rythar. The tiny cabin was fitted with a sleeping lounge, a food cabinet and a file of reading films. Above the lounge a mica viewplate gave her a broad view of the sky.

Mryna remembered that the man in the supply room had said he was waiting for an auto-pickup; he was on his way back to Earth. Mryna had taken his ship instead of her own. In panic she tried to open the door again, but she found no way to do it. Machinery beneath her feet began to hum. She felt a slight lurch as the pickup left the hub of the Guardian Wheel.

It swung in a wide arc. Through the viewplate she saw the enormous Wheel growing small behind her, silhouetted against the mist of Rythar. Suddenly the wheel glowed red with a soundless explosion. Its flaming fragments died in the void.

Mryna dropped weakly on the lounge. Nausea spun through her mind. The man had said they would destroy themselves. Because Mryna had come aboard? But why were they afraid of her? What possible harm could she do them? Mryna had left Rythar to discover the truth, and the truth was insanity. Was truth always like this—a bitter disillusionment, an empty horror?

She had something else to say to the people of Rythar now: not that the gods were men, but that men were mad. Believe in the taboos; send up the sacrificial ores. It was a small price to pay to keep that madness away from Rythar.

And Mryna knew she could not go back. With the Wheel gone, she could never return to Rythar; the auto-pickup was carrying her inexorably toward Earth. The scream of the machinery slowly turned shrill, hammering against her eardrums. The stars visible in the viewplate blurred and winked out. Mryna felt a twist of vertigo as the shuttle shifted from conventional speed into a time warp. And then the sound was gone. The ship was floating in an impenetrable blackness.

Mryna had no idea how much time passed subjectively. When she became hungry, she took food from the cabinet. She slept when she was tired. To pass the time, she turned the reading films through the projector.

Most of the film stored in the shuttle covered material Mryna already knew. The Earthmen, clearly, had not denied any information to Rythar. Only one thing had been restricted—astronomy. And that would have made no difference, if Mryna had not found

the text in the ruins of the Old Village. The people on Rythar never saw the stars; they had no way of knowing—or caring—what lay above the rain mist.

Mryna was more interested in the history of Earth, which she had never known before. She studied the pictures of the great industrial centers and the crowded countryside. She was awed by the mobs in the city streets and the towering buildings. Yet she liked her own world more—the forests and the clear-running brooks; the vast, uncrowded, open spaces.

It puzzled her that the people of Earth would give the Rytharian paradise to a handful of children, when their own world was so overcrowded. Was this another form of the madness that had driven the people in the Wheel to destroy themselves? That made a convenient explanation, yet Mryna's mind was too logical to accept it.

One film referred to the founding of the original colony on Rythar, a planet in the Sirian System which had been named for its discoverer. Rythar, according to the film, was one of a score of colonies established by Earth. It was unbelievably rich in deposits of uranium.

That, Mryna surmised, was the name of the sacrificial ore they sent up in the god-cars.

The atmosphere and gravity of Rythar duplicated that of Earth; Rythar should have become the largest colony in the system. The government of Earth had originally planned a migration of ten million persons.

“But after twelve months the survey colony was destroyed by an infection,” Mryna read on the projection screen, “which has never been identified. It is called simply the Sickness. The origin of this plague is unknown. No adult in the survey colony survived; children born on Rythar are themselves immune, but are carriers of the Sickness. The first rescue team sent to save them died within eight hours. No human being, aside from these native-born children, has ever survived the Sickness.”

Now Mryna had the whole truth. She knew the motivation for their madness of self-destruction. It was not insanity, but the sublime courage of a few human beings sacrificing themselves to save the rest of their civilization. They smashed the Guardian Wheel to keep the Sickness there. And Mryna had already escaped before that happened! She was being hurled through space toward Earth and she would destroy that, too.

If she killed herself, that would in no way alter the situation. The ship would still move in its appointed course. Her body would be aboard; perhaps the very furnishings in the cabin were now infected with the germ of the Sickness. When the ship touched Earth, the fatal poison would escape.

Dully Mryna turned up another frame on the film, and she read what the Earthmen had done to help Rythar. They built the Guardian Wheel to isolate the Sickness. Sealed in metal immunization suits, volunteers had descended to the plague world and reared the

surviving children of the colonists until they were old enough to look out for themselves. The answer house had been set up as an instructional device.

“As nearly as possible, the scientists in charge attempted to create a normal social situation for the plague carriers. They could never be allowed to leave Rythar, but when they matured enough to know the truth, Rythar could be integrated into the colonial system. Rytharian uranium is already a significant trade factor in the colonial market. An by-product of the Guardian Wheel is the hospital facility, where advanced cases of certain cancers and lung diseases have been cured in a reduced gravity or by exposure to cosmic radiation.”

Mryna shut off the projection. The words made sense, but the results did not. And she knew precisely why Earth had failed. When they matured—in those three words she had her answer.

And now it didn't matter. There was nothing she could do. Her ship was a poisoned arrow aimed directly at the heart of man's civilization.

Mryna had slept twice when the auto-pickup lurched out of the time drive and she was able to see the stars again. Directly ahead of her she saw an emerald planet, bright in the sun. And she knew instinctively that it was Earth.

A speaker under the viewport throbbed with the sound of a human voice.

“Auto-shuttle SC 539, attention. You are assigned landing slot seven-three-one, Port Chicago. I repeat, seven-three-one. Dial that destination. Do you read me?”

Three times the message was repeated before Mryna concluded that it was meant for her. She found three small knobs close to the speaker and a plastic toggle labeled “voice reply.” She snapped it shut and found that she could speak to the Chicago spaceport.

Her problem was easily solved, then. She could say she came from Rythar. Without hesitation, Earth ships would be sent to blast her ship out of the sky before she would be able to land. But she knew she had to accomplish more than that; the same mistake must not be repeated again.

65“How much time do I have?” she asked.

“Thirty-four minutes.”

“Can you keep this shuttle up here any longer than that?”

“Lady, the auto-pickups are on tape-pilot. Come hell or high water, they land exactly on schedule.”

“What happens if I don't dial the slot destination?”

“We bring you in on emergency—and you fork over a thousand buck fine.”



Mryna asked to be allowed to speak to someone in authority in the government. The Chicago port manager told her the request was absurd. For nine minutes Mryna argued, with a mounting sense of urgency, before he gave his grudging consent. Her trouble was that she had to skate close to the truth without admitting it directly. She could not—except as a last resort—let them kill her until they knew why the isolation of Rythar had failed.

It was thirteen minutes before landing when Mryna finally heard an older, more dignified voice on the speaker. By then the green globe of Earth filled the sky; Mryna could make out the shapes of the continents turning below her. The older man identified himself as a senator elected to the planetary Congress. She didn't know how much authority he represented, but she couldn't afford to wait any longer.

She told him frankly who she was. She knew she was pronouncing her own death sentence, yet she spoke quietly. She must show the same courage that the Earthmen had when they sacrificed themselves in the Guardian Wheel.

“Listen to me for two minutes more before you blast my ship,” she asked. “I rode the god-car up from Rythar—I am coming now to spread the Sickness on Earth—because I wanted to know the truth about something that puzzled me. I had to know what was above the rain mist. In the answer house you would not tell us that. Now I understand why. We were children. You were waiting for us to mature. And that is the mistake you made; that blindness nearly destroyed your civilization.

“You will have to build another Guardian Wheel. This time don't hide anything from us because we're children. The truth makes us mature, not illusions or taboos. Never forget that. It is easier to face a fact than to have to give up a dream we've been taught to believe. Tell your children the truth when they ask for it. Tell us, please. We can adjust to it. We're just as human as you are.”

Mryna drew a long breath. Her lips were trembling. Did this man understand what she had tried to say? She would never know. If she failed, Earth—in spite of its generosity and its courage—would one day be destroyed by children bred on too many delusions. “I'm ready,” Mryna said steadily. “Send up your warships and destroy me.”

She waited. Less than ten minutes were left. Her shuttle began to move 66more slowly. She was no more than a mile above Earth. She saw the soaring cities and the white highways twisting through green fields.

Seven minutes left. Where were the warships? She looked anxiously through the viewport and the sky was empty.

Desperately she closed the voice toggle again. “Send them quickly!” she cried. “You must not let me land!”

No reply came from the speaker. Her auto-shuttle began to circle a large city which lay at the southern tip of an inland lake. Three minutes more. The ship nosed toward the spaceport.

“Why don’t you do something?” Mryna screamed. “What are you waiting for?”

The shuttle settled into a metal rack. The lock hissed open. Mryna shrank back against the wall, looking out at what she would destroy—what she had already destroyed. A dignified, portly man came panting up the ramp toward her.

“No!” she whispered. “Don’t come in here.”

“I am Senator Brieson,” he said shortly. “For ten years Dr. Jameson has been telling us from the Guardian Wheel that we should adopt a different educational policy toward Rythar. Your scare broadcast was clever, but we’re used to Jameson’s tricks. He’ll be removed from office for this, and if I have anything to say about it—”

“You didn’t believe me?” Mryna gasped.

“Of course not. If a plague carrier escaped from Rythar, we would have heard about it long before this. The trouble with you scientists is you don’t grant the rest of us any common sense. And Jameson’s the worst of the lot. He’s always contended that the sociologists should determine our Rytharian policy, not the elected representatives of the people.”

Mryna broke down and began to cry hysterically. The senator put his hand under her arm—none too gently. “Let’s have no more dramatics, please. You don’t know how fortunate you are, young lady. If the politicians were as addle-witted as you scientists claim we are, we might have believed that nonsense and blasted your ship out of the sky. You scientists have to give up the notion that you’re our guardians; we’re quite able to look out for ourselves.”

---

End of the Project Gutenberg EBook of The Guardians, by Irving Cox

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK THE GUARDIANS \*\*\*